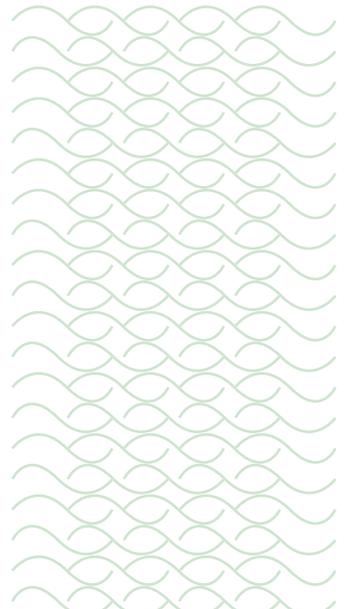


ENTREVISTA



A democracia está em risco

Democracy is at risk

La democracia está en riesgo

Entrevista com o Frei Betto

Realizada por Rovilson Robbi Britto

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM

Frei Betto apresenta uma análise objetiva sobre o atual momento político e econômico em que vive não só o Brasil, mas outros países no cenário global. O capitalismo neoliberal do século XXI mostra que os governos estão cada vez mais dependentes do sistema financeiro, o que acarreta um aumento do endividamento dos países, da desigualdade social e da ditadura do dinheiro. Ao olhar para o campo mundial, Frei Betto alerta para a fragilidade da democracia, quando se observa o armamento nuclear de países como EUA, Rússia e China. Por isso, para ele, a democracia está em risco e a paz mundial também. No campo político, ele acredita que o Brasil só conseguirá melhorar sua situação atual quando houver uma base popular mais politizada, organizada e mobilizada. Frei Betto debate ainda sobre as relações de consumo com a lógica do mercado, que desloca os valores humanos. As pessoas não valem pelo que são e sim pelo que consomem. Os valores humanos estão mercantilizados e isso é comprovado quando um mendigo na rua não tem nenhum valor, enquanto a rainha da Inglaterra é venerada. Frei Betto chama a atenção ainda para o fenômeno da concentração da mídia tradicional que foi ofuscada pela internet, possibilitando a democratização da comunicação, mas alerta para a alta exposição das redes que nos torna indivíduos potencialmente controlados pelas mídias digitais. Frei Betto ainda conta sua relação com o ex-presidente Lula e que devemos sempre agir e manter a esperança por dias melhores.

Rovilson Britto: No livro *O capital no século XXI*, o economista francês Thomas Piketty afirma que a lógica central do capitalismo é a concentração de riqueza e a geração de desigualdades. Como o senhor vê esse capitalismo do século XXI?

Frei Betto: O capitalismo liberal do século XX se baseava na produção. Agora, o capitalismo neoliberal do século XXI se baseia na especulação, na financeirização da economia. Os governos são cada vez mais dependentes dos bancos, dos quais tomam empréstimos para financiar seus projetos. Isso aumenta sempre mais a dívida pública (a do Brasil, atualmente, é de US\$ 313 bilhões) e faz com que o mercado de capitais detenha o poder sobre a política. Nessa lógica, todos os setores da sociedade podem ser prejudicados ou perder direitos em nome do reajuste fiscal, menos os donos do dinheiro.¹ O Papa Francisco tem denunciado

1 Para mais informações, recomendo ver: <<https://diplomatie.org.br/a-situacao-brasileira-em-breves-topicos-de-facil-entendimento/>>.

com frequência essa ditadura do dinheiro. E a Oxfam tem mostrado os índices alarmantes de desigualdade social no Brasil e no mundo.²

Rovilson Britto: No campo político mundial, há sinais de uma onda regressiva, que tem sua expressão maior na eleição de Donald Trump nos EUA. Acredita que exista uma ameaça efetiva para a democracia e para a paz?

Frei Betto: Sim, a paz mundial é, hoje, muito frágil. EUA e Rússia, juntos, dispõem de 14 mil ogivas nucleares. E agora Trump acaba de rasgar o acordo nuclear EUA-Irã assinado por Obama, o que garantia que o Irã não utilizaria o urânio para fins bélicos.

É uma ofensa à inteligência mediana da humanidade os EUA exigirem que outros países não tenham armas nucleares, enquanto eles multiplicam o seu arsenal. Por que EUA, Israel, Rússia, China e outros têm armas nucleares e o Irã não pode ter? O pretexto é que se trata de uma nação que promove o terrorismo... Ora, em toda a história da humanidade nenhum país promoveu mais terrorismo na face da Terra do que os EUA. Os atentados terroristas mais destrutivos da história foram as bombas atômicas que o governo de Washington jogou contra as populações civis de Hiroxima e Nagasaki, em 1945.

Enquanto a ONU ou qualquer outra instância de fórum internacional não impuser ao mundo um completo desarmamento nuclear, estaremos sobre o fio da navalha.

Também a democracia está em risco. Nós votamos, o poder econômico elege.

Após a queda do Muro de Berlim, em 1989, os direitos sociais conquistados ao longo do século XX estão sendo cortados. Eles foram admitidos pelo capitalismo usamericano e europeu como antídoto ao comunismo. Desaparecida a ameaça comunista, Tio Sam tirou a máscara e agora exhibe suas garras: fora do mercado não há salvação!

Democracia é governo do povo, para o povo, com o povo. Na maioria dos países chamados democráticos o povo é aliado das decisões políticas e econômicas.

Rovilson Britto: Num momento de profunda ausência de líderes globais com lucidez e coerência, como o senhor vê o papel que vem cumprindo o Papa Francisco?

Frei Betto: O Papa Francisco é o único líder mundial com bom senso e credibilidade. Sua iniciativa de reunir, por três vezes, os líderes de movimentos sociais do mundo em torno da bandeira dos 3 Ts (Terra, Teto e Trabalho); sua encíclica socioambiental *Louvado Sejas*, de forte conteúdo profético; sua defesa intransigente dos direitos dos refugiados que chegam à Europa; tudo isso faz dele um líder ímpar, perfeitamente identificado com os valores evangélicos. Lamento, entretanto, que dentro da própria Igreja Católica ele sofra críticas e incompreensões. Aliás, como todos os grandes profetas bíblicos e da história do cristianismo.

Rovilson Britto: Zigmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, afirmou em sua obra *Vida para consumo*, que a lógica do mercado estava impregnando todas as esferas da

² Veja pesquisa publicada pela Oxfam. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/noticias/pesquisa-oxfam-brasildatafolha-revela-a-percepcao-sobre-desigualdades-no-brasil>>.

O Papa Francisco é o único líder mundial com bom senso e credibilidade. Sua iniciativa de reunir, por três vezes, os líderes de movimentos sociais do mundo em torno da bandeira dos 3 Ts (Terra, Teto e Trabalho).

sociedade, inclusive as relações afetivas. Há uma mercantilização das afetividades nos tempos atuais?

Frei Betto: Sim, há uma mercantilização generalizada da sociedade, por força dos “valores” do neoliberalismo. As pessoas não valem por serem humanas, valem pelos produtos que portam. Se chego na casa de um amigo a pé, tenho valor Z. Se chego no último modelo de Mercedes-Benz, tenho valor A. Sou a mesma pessoa, mas as mercadorias que me revestem me imprimem socialmente mais ou menos valores.

O jornal *Washington Post* decidiu testar gosto e cultura artísticos do público. Levou o violinista Joshua Bell para a estação de metrô da capital dos EUA. Durante 45 minutos, ele tocou *Partita para violino nº 2* de Bach; *Ave Maria* de Schubert; e peças de Manuel Ponce, Massenet e, de novo, Bach.

Eram oito horas de uma manhã fria. Milhares de pessoas circulavam pelo metrô. Quatro minutos após iniciar o concerto subterrâneo, o músico viu cair a seus pés seu primeiro dólar, atirado por uma mulher que não parou. Quem mais lhe deu atenção foi um menino que teria entre três ou quatro anos de idade. Porém, a mãe o arrastou, embora ele mantivesse o rosto virado para o violinista enquanto se distanciava.

Durante todo o tempo do concerto improvisado, apenas sete pessoas pararam um instante para escutar. Cerca de vinte joga-

ram dinheiro sem deter o passo. Ao todo, trinta e dois dólares e dezessete centavos no pote a seus pés. Quando cessou a música, ninguém aplaudiu.

Este fato comprova como o nosso olhar social está mercantilizado. Um mendigo caído na rua não tem nenhum valor, mas se depararmos com a rainha Elizabeth... Ora, para Jesus todo ser humano, seja ele cego, coxo, hanseniano etc., tem valor sagrado, é templo vivo de Deus.

Rovilson Britto: Há uma grande concentração da mídia tradicional em termos mundiais. Segundo o professor Dênis de Moraes, cerca de dez megacorporações determinam o que a imensa maioria vai consumir de informação e entretenimento. São essas corporações que estão a moldar o imaginário dos indivíduos?

Frei Betto: Sim, os pensamentos liberal e neoliberal sempre investiram pesado no imaginário popular. Walt Disney com seus personagens destinados ao público infantil é o catecismo do capitalismo, como o demonstra Ariel Dorfman em seu clássico *Para ler o Pato Donald*.

Essas corporações midiáticas visam a impedir que nos tornemos cidadãos e protagonistas políticos; querem fazer de todos nós meros consumistas. Haja publicidade! Esse massacre midiático nos impõe estilos de vida, preferências culturais e culinárias,

hábitos de consumo, formas de lazer etc. Tudo para multiplicar os lucros do sistema. Isso agrava a segregação e a exclusão sociais em relação à grande multidão que vive na pobreza e na miséria e não tem acesso ao mercado.

Rovilson Britto: Manuel Castells considera que a comunicação em rede está possibilitando mobilizações de renovação da prática política. Como o senhor vê o papel da internet e das redes sociais na política hoje?

Frei Betto: A internet feriu duramente o monopólio da grande mídia. Democratizou as comunicações. Permitiu que cada usuário tenha a sua própria tribuna política e rede de informação e comunicação.

Por outro lado, como denunciou Snowden, ela possibilita a emergência do Big Brother. Somos todos potencialmente controlados pelas redes digitais, que abastecem os serviços de informações, como a CIA, e as corporações gigantes, como a Amazon e o Google.

Rovilson Britto: Em 2016 ocorreu o *impeachment* da presidenta Dilma, interrompendo um ciclo de 14 anos de governos liderados pelo PT. A mídia tratou como um processo legal e correto o afastamento. Como o senhor avalia o *impeachment*?

Frei Betto: Avalio como um golpe parlamentar que derrubou uma presidente democraticamente eleita, à semelhança dos golpes de Estado ocorridos antes em Honduras e no Paraguai. E o governo golpista de Temer fez o Brasil retroceder nas conquistas sociais dos últimos 70 anos.

Rovilson Britto: Qual é o balanço que o senhor faz desse ciclo de governos? Quais foram os avanços? Quais foram os erros cometidos?

Frei Betto: Os dois primeiros governos de Lula e o primeiro de Dilma foram os melhores de nossa história republicana. O Brasil se livrou do FMI; distanciou-se da hegemonia americana; aproximou-se do mundo árabe; formou o Brics; fortaleceu o Mercosul, a Unasur e a Celac; adotou uma política externa soberana e independente.

Na política interna controlou a inflação; aumentou anualmente o salário-mínimo acima dos índices da inflação; promoveu políticas sociais de proteção dos excluídos, como o Bolsa-Família, o BPC, o regime de cotas nas universidades, a ampliação das escolas técnicas, o ProUni, o Luz para Todos, o Minha Casa, Minha Vida, a facilidade de crédito, a não criminalização dos movimentos sociais etc.

Contudo, o governo do PT adotou a emulação do crescimento (PAC – Política de Aceleração do Crescimento), visando a, em primeiro lugar, anabolizar o PIB. E a dependência da exportação de matérias-primas, hoje elegantemente denominadas *commodities*, agravou o processo de desindustrialização.

A corrupção se entranhou nas estruturas governamentais, cooptou líderes políticos como agentes de interesses privados de grandes corporações e corroeu a credibilidade ética da esquerda. Abandonou-se o horizonte socialista e acreditou-se na política de inclusão assistencialista dos mais pobres, sem alterar minimamente as estruturas sociais e os direitos de propriedade.

Ainda é hora de fazer autocrítica e corrigir rotas, antes que seja demasiadamente tarde. Foi o que procurei fazer em meus dois livros críticos aos governos do PT, *A mosca azul – reflexão sobre o poder* e *Calendário do poder*.

Cedeu-se à falácia de que o capitalismo é passível de humanização. Priorizou-se o acesso da população a bens pessoais (celular, computador, eletrodomésticos etc.) e não a bens sociais (alimentação, saúde, educação etc.). Não houve empenho em preparar as bases de uma democracia participativa. Movimentos populares foram alijados como interlocutores preferenciais ou cooptados para atuarem como correia de transmissão entre governo e bases sociais.

Ainda é hora de fazer autocrítica e corrigir rotas, antes que seja demasiadamente tarde. Foi o que procurei fazer em meus dois livros críticos aos governos do PT, *A mosca azul – reflexão sobre o poder* e *Calendário do poder*, ambos editados pela Rocco.

Rovilson Britto: Podemos dizer que um dos erros essenciais foi não enfrentar o desafio de democratizar a mídia no Brasil?

Frei Betto: Foi não promover, em 13 anos de governo do PT, nenhuma reforma estrutural, como a política (da qual agora o PT é vítima), a trabalhista, a educacional, a sanitária etc. E não fortalecer a mídia alternativa que apoiava o governo, como as rádios e TVs comunitárias.

Rovilson Britto: O senhor conviveu intensamente com o ex-presidente Lula.

Como avalia a decisão da Justiça de prendê-lo e de negar-lhe o direito de concorrer à Presidência da República novamente?

Frei Betto: No momento em que respondo esta entrevista, na segunda semana de maio, ainda não houve decisão da Justiça impedindo a candidatura de Lula. Porém, a prisão dele me parece profundamente injusta, pois não se provou que ele era dono do triplex do Guarujá. Como o próprio promotor confessou, “não há provas, mas tenho convicções”. Ora, ninguém pode ser julgado e preso sem provas evidentes e convincentes, exceto quando se dá as costas ao Estado democrático de direito.

Rovilson Britto: Como o senhor avalia o governo Temer?

Frei Betto: Avalio pela opinião pública, que dá a ele 94% de reprovação. Somos governados por uma quadrilha comprovadamente corrupta, nepotista e golpista.

Rovilson Britto: Qual é o caminho que as forças democráticas e progressistas deveriam seguir para retomar um projeto generoso de construção de um país justo?

Frei Betto: Essas forças precisam elaborar um Projeto Brasil e indicar candidatos nas eleições deste ano em condições de implementá-lo. Porém, o Brasil só sairá do

buraco em que se encontra se houver um trabalho, a longo prazo, de politização, organização e mobilização da base popular, como ocorreu entre as décadas de 1970 e 1990. Fora do povo não há salvação!

Rovilson Britto: Há uma campanha muito forte de negação da política. Há caminho fora da política?

Frei Betto: Sempre repito aos jovens: quem tem nojo de política é governado por quem não tem. E tudo que os maus políticos querem é que tenhamos bastante nojo, para ficarem à vontade em suas maracutaias.

Tudo passa pela política, da qualidade do café da manhã que tomamos hoje à possibilidade de um tratamento de saúde qualificado. E não existe ninguém apolítico. Faz-se política por participação ou omissão. Como sublinhava Aristóteles, somos todos seres essencialmente políticos. E até agora a humanidade não encontrou outro meio para se organizar coletivamente fora da política.

Este ano não basta escolher um candidato à presidência da República. Precisamos renovar radicalmente o Congresso Nacional, do qual dependerá o futuro presidente. Há que ter muita atenção para elegermos bons deputados federais e senadores.

Rovilson Britto: O que é ser cristão nos dias atuais? É possível ser cristão e se abster das questões políticas que envolvem a vida de nossa gente?

Frei Betto: Todos nós cristãos somos discípulos de um prisioneiro político. Jesus não morreu de hepatite na cama nem de desastre de camelos numa esquina de Jerusalém. Morreu como muitos militantes

políticos: preso, torturado, julgado por dois poderes políticos e condenado à pena de morte dos romanos, a cruz.

Se a política é “a forma mais perfeita de caridade”, como enfatiza o Papa Francisco, por ser capaz de erradicar a fome e a miséria, as estruturas políticas são passíveis de severa crítica quando favorecem a desigualdade e a corrupção.

A política não é intrinsecamente nefasta. Nefasto é o modelo político que sabota a democracia, privilegia a minoria rica, e nada faz de eficaz para promover a inclusão social. Ao contrário, permite ampliar a exclusão e reforça os mecanismos, inclusive repressores, que impedem os excluídos de avançarem da margem para o centro.

Todos os grandes mestres espirituais foram políticos. Buda se indignou ao transpor as muralhas de seu palácio e deparar com o sofrimento dos súditos. Jesus, na versão de sua mãe, Maria, veio para “derrubar os poderosos de seus tronos e exaltar os humildes, despedir os ricos com mãos vazias e saciar de bens os famintos” (Lucas 1,52-53). Pagou com a vida a ousadia de anunciar, dentro do reino de César, outro projeto civilizatório denominado Reino de Deus.

A política é uma exigência espiritual. Santo Tomás de Aquino preconizou não poder esperar virtudes de quem carece de condições dignas de vida. A política diz respeito ao outro, ao próximo, ao bem-estar da coletividade. Repudiá-la é entregá-la às mãos daqueles que a transformam em arma para defender apenas os próprios interesses.

Se a política perpassa os aspectos mais íntimos de nossas vidas, como dispor ou não de um teto sob o qual se abrigar das intempéries, nem todos participam do mesmo modo.

A política não é intrinsecamente nefasta. Nefasto é o modelo político que sabota a democracia, privilegia a minoria rica, e nada faz de eficaz para promover a inclusão social.

Rovilson Britto: Há muito azedume, ceticismo, descrença. É possível uma mensagem de esperança?

Frei Betto: O próprio Deus se encarnou em uma sociedade, a Palestina do século I, profundamente conflitiva. E pagou

com a vida sua militância em prol de um outro reino possível, o de Deus, e não o de César.

Portanto, devemos sempre agir com esperança e confiança. E guardar o pessimismo para dias melhores!

Data de recebimento: 08/05/2018

Data de aceite: 16/05/2018

Dados do entrevistado:

Frei Betto

Assessor de movimentos sociais e escritor, autor de 63 livros editados no Brasil e no exterior, além de 51 em coautoria. Frade dominicano, estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Ganhou diversos prêmios literários, entre os quais o mais importante do Brasil: o Jabuti, em 1982, e o Prêmio Juca Pato, quando foi eleito pela União Brasileira dos Escritores (UBE) Intelectual do Ano, em 1986. Em 2009, foi agraciado com o Prêmio ALBA de Las Letras em reconhecimento ao conjunto de sua obra literária. Recebeu por duas vezes o título Doutor Honoris Causa em Filosofia, primeiro concedido pela Universidade de Havana, e depois pela Universidade José Martí, de Monterrey, México.

Dados do entrevistador:

Rovilson Robbi Britto

Graduado em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, com mestrado em Comunicação e Mercado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Atualmente no pós-doutorado na ECA/USP, atuando principalmente nos seguintes temas: ciberespaço, democracia, internet, modelo comunicacional e teoria da comunicação. É professor na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM

